

## Medicina, incerteza e minhas escolhas

*Medicine, uncertainty and my choices*

*La medicina, la incertidumbre y mis elecciones*

Laura Boga Muller. \*

\*Médica formada em 2016 na Faculdade de Medicina de Jundiaí (SP, Brasil). Atualmente no segundo ano do Programa de Formação Clínica de SOBRAMFA. Coordenadora de atividades com estudantes de medicina em SOBRAMFA.



O texto acima foi escrito como uma reflexão pessoal a partir de uma discussão predominantemente entre médicos numa reunião mensal denominada Marca-Passo de construção, que tem por objetivo discutir temas humanísticos e filosóficos que permeiam a medicina e nosso dia a dia.

A ideia de torná-lo público surgiu a partir da leitura a estudantes de medicina no segundo ano da faculdade, após uma aula sobre o sofrimento humano dentro da disciplina de humanidades com foco em bioética. Os alunos se identificaram com o texto e vieram me procurar para ter acesso a ele, me fazendo perceber que compartilhar uma reflexão bastante íntima pode ser tanto acolhedor quanto estimular o processo reflexivo de outros. Sinto que a escolha pela medicina é uma escolha árdua e diária, e que durante o processo da graduação (e fora dele) várias vezes nos defrontamos com angústias e sofrimentos inerentes a essa escolha.

### Medicina, incerteza e minhas escolhas

Escolhi (dentro de todo nosso poder de controle) buscar as incertezas.  
Escolhi sempre aquilo que era imprevisível (para mim mesma ou aos outros).  
Escolhi a medicina como quem escolhe o maior imprevisto possível.  
(Mas é possível escolher o imprevisto? Ele não surge da falta de controle?)

E naquele momento tive a certeza de estar escolhendo a maior incerteza que poderia caber dentro de mim (se é que cabe).  
Ingenuamente aceitei que o meu medo de perder o controle só poderia ser trabalhado de uma forma: encarando a incerteza.  
E quer, nesse mundo, incerteza maior que o ser humano e as relações humanas?  
Não há nada mais humano do que a dúvida.

Já fui atrás de experimentar meus maiores medos, pulei de paraquedas esperando sentir-me insegura.  
Agora confesso, a maior insegurança foi, é e provavelmente será enfrentar o abismo de todo desconhecido do outro.

E nunca imaginei poder trabalhar diante de tantas incertezas diárias, de tanto medo perante o desconhecido e no final, com um sorriso no rosto poder afirmar que me sinto segura.

Segura ao entender, ao sentir as incertezas seguem permitindo que eu me reinvente, mas acima de tudo que eu me mantenha eu mesma.

Pois para mim a definição de integridade está na capacidade de se reinventar perante os obstáculos e imprevisto e permanecer sendo você mesmo; em ser sempre você por inteiro em tudo aquilo que fazes.

Mas comecei a falar disso porque:

Da beleza daquilo que é randomicamente escolhido:

Entreí no carro e escolhi randomicamente ouvir qualquer música do Milton Nascimento.

*“Vida vida que amor brincadeira, vera  
Eles amaram de qualquer maneira, vera  
Qualquer maneira de amor vale a pena  
Qualquer maneira de amor vale amar”*

E na minha eterna busca por antíteses e opostos fiquei procurando qual seria o contrário de medo.

Então o imprevisto me trouxe uma bela resposta: o oposto de medo é amor.

E como todo bom oposto que fecha um raciocínio cíclico da cobra que morde o próprio rabo não há nada mais intrínseco ao medo do que o amor, e não há mais intrínseco ao amor do que o medo.

Portanto concluo que aquilo que coloquei no início como escolher a medicina pelo medo no fundo talvez tenha sido escolher a medicina pelo amor.

Amor por encarar todo o amedrontador desconhecido que existe no outro.

*Texto em Língua Espanhola:*

### **Medicina, incertidumbre y mis opciones**

Escogí (dentro de nuestro poder de control) buscar las incertidumbres.

Escogí siempre lo que era imprevisible (para mí misma y para otros).

Escogí la medicina como quien escoge el mayor imprevisto posible.

(¿Pero es posible elegir lo imprevisto? ¿No surge de la falta de control?)

Y en aquel momento tuve la certeza de estar escogiendo la mayor incertidumbre que cabría dentro de mí (si es que cabe).

Ingenuamente acepté que mi miedo a perder el control sólo podía ser trabajado de una forma: enfrentando la incertidumbre.

¿Y en este mundo, existe una incertidumbre mayor que la del ser humano y las relaciones humanas?

No hay nada más humano que la duda.

Ya fui detrás de experimentar mis mayores miedos, salté del paracaídas esperando sentirme insegura.

Ahora confieso, la mayor inseguridad fue y es y probablemente enfrentar el abismo de todo lo desconocido del otro.

Y nunca imaginé poder trabajar ante tantas incertidumbres diarias, de tanto miedo ante lo desconocido y al final, con una sonrisa en el rostro poder afirmar que me siento segura.

Segura al entender, al sentir las incertidumbres seguí permitiendo reinventarme, pero sobre todo que mantenerme a mí misma.

Porque para mí la definición de integridad está en la capacidad de reinventar ante los obstáculos e imprevisto y permanecer siendo tú mismo; en ser siempre tú por entero en todo lo que haces.

Pero empecé a hablar de eso porque:

(Sería hablar ) de la belleza y de lo elegido al azar:

Entré en el auto y elegí aleatoriamente escuchar cualquier música del Milton Nascimento.

“Vida, vida el amor que broma

Ellos amarán de cualquier manera

Cualquier manera de amor vale la pena

Cualquier manera de amor vale amar”

Y en mi eterna búsqueda por antítesis y opuestos me quedé buscando cuál sería el contrario del miedo.

Entonces el imprevisto me trajo una bella respuesta: el opuesto del miedo es el amor.

Y como todo buen opuesto que cierra un raciocinio cíclico de la serpiente que se muerde el propio rabo no hay nada más intrínseco al miedo que el amor y no hay más intrínseco al amor que el miedo.

Por lo tanto concluyo con -lo que escribí al principio- que elegí la medicina por el miedo pero en el fondo tal vez haya elegido a la medicina por el amor.

Amor por encarar todo el amedrentador desconocido que existe en el otro.